

Alice Roberte de Oliveira^I

A VIDA VIVIDA E O CONHECIMENTO ETNOGRÁFICO

Miller, Daniel. (2024).
The good enough life.
London: UCL Press.

Em *The good enough life*, livro do antropólogo britânico Daniel Miller (2024), aprendemos lições de vida e de filosofia, enquanto absorvemos a reiterada potência da etnografia para a produção de conhecimento. A produção faz uma ode à etnografia como aquela que ancora e reveste a produção teórica de densidade empírica, ou o que contrasta e refuta o que se discute no plano abstrato. Para ele, por mais que a vida seja idealizada em campos científicos como a filosofia, a “vida vivida” é aquela que é ideal apesar das externalidades, e que inevitavelmente se revela durante o campo. Nesta operação epistemológica, Miller (2024) eleva o status da antropologia ao da filosofia, tida como a ciência do mais alto grau de conhecimento entre todas as outras.

Cabe explicar a expressão “good enough”, livremente traduzida enquanto “suficientemente boa” ou “boa o suficiente” e que, a princípio, remete a algo satisfatório e adequado. Contudo, Miller (2024) utiliza com propósito o termo *enough*, extrapolando a ideia de algo apenas razoável e que implica complacência ou mesmo contentamento. Na realidade, o termo demarca algo “verdadeiramente bom”, apesar dos constrangimentos e externalidades. O *enough* aterra a concepção filosófica de *vida boa* como um ideal a ser alcançado, transformando-a em suficientemente boa para a realidade vivida. O termo costura a teoria ao empirismo e promove a reflexão em torno das questões teórico-metodológicas mais gerais da antropologia.

Por meio da observação da “vida vivida” no contexto da Irlanda, uma república com cinco milhões de habitantes, o antropólogo contrasta o que constitui uma vida cotidiana boa o suficiente à concepção idealizada de filósofos e pensadores clássicos como Aristóteles, Kant, Hegel, Epicuro, sobre como a vida deveria ser vivida. As evidências de Miller (2024) são ancoradas em pesquisa de campo de longa duração – em torno de 18 meses, como outros de seus projetos de pesquisa – com aposentados da cidade de Cuan, nome fictício para respeitar a identidade dos interlocutores da pesquisa.

Nesse contexto, a liberdade emerge como *ethos* e força motriz do que faz o cotidiano ser suficientemente bom. Seus participantes e colaboradores são representantes de um estado excepcional e sem precedentes de liberdade, que se dá pela capacidade de satisfazer seus desejos e, ao mesmo tempo, escapar dos constrangimentos e obrigações que emergem no dia a dia. Liberdade para pensar fora da ideologia católica (religião predominante no país), de ter tempo para um *hobby*, de exercer papéis familiares de forma equilibrada, de poder discutir política, mas também de não deixar tais tópicos divisivos suplantarem uma vida civilizada e apolítica. Seus interlocutores rompem com o estereótipo que atrela idade, tradição, conservadorismo e papéis sociais particulares, reelaborando identidades a partir e por meio da liberdade.

O valor da liberdade se estende para a política, a qual Miller (2024) separa em política com “P” maiúsculo e com “p” minúsculo. A primeira refere-se a um governo moderado e confiável, com regimes progressivos de taxa de fortunas para um equilíbrio das desigualdades, manifestando-se como humano

e acessível. A política com “p” minúsculo, por sua vez, é a dos cidadãos engajados na transformação cotidiana e participantes dos serviços comunitários, independentemente dos resultados das urnas. Para o autor, os moradores de Cuan vivem livres, em uma “constelação de liberdades”, com acesso a bens e serviços como analgésicos, Internet, carro e avião, que compõem o que Miller chama de “afluência contemporânea”. Ou seja, uma liberdade atrelada ao consumo e que sugere uma série de outros constrangimentos, merecendo uma discussão à parte.

A compreensão do que faz a vida “boa o suficiente” vem da observação das práticas cotidianas concretas dos interlocutores, como o passeio dos cachorros, as idas ao bingo, os cuidados envolvidos no ser avô e avó. Miller (2024) sublinha a felicidade, a virtude e a ética como valores que emergem das vidas de uma classe média, moradora do subúrbio e com acesso ao estado de bem-estar social. O estudo mostra que os moradores de Cuan vivem essa vida suficientemente boa apesar das falhas e faltas, desafiando percepções idealizadas sobre a vida. É na investigação do ordinário e do comum que o estudo de Miller (2024: 8, tradução nossa) ganha força: “O valor da etnografia está em compreender uma sociedade ‘suficientemente boa’ à qual as pessoas poderiam, de forma viável, aspirar”, ele afirma. Ao valorizar a compreensão de práticas mundanas, Miller (2024) reenquadra questões filosóficas à luz da materialidade, como estudioso e referência fundante dos estudos em cultura material que ele é (ver Miller, 1989, 2005).

A pesquisa sublinha a força da etnografia em trazer exemplos concretos do que seria suficientemente bom,

daquilo possível, palpável e observável, em oposição aos conceitos filosóficos e, por isso mesmo, utópicos. Diferentemente da testagem de hipóteses que pressupõe a limitação de variáveis e uma visão *a priori* dos fatos, o método etnográfico se alimenta da contextualização holística e do que o campo diz ao pesquisador. Aí também reside a fragilidade da teoria-método, já que demanda um recorte temporal, espacial e uma reflexão do papel do pesquisador no campo, a chamada *posicionalidade*. No processo de escrita etnográfica, ainda se colocam questões de representação e os vieses ideológicos, densamente comentados na academia. Etnografar é sempre um desafio, mas com resultados muito potentes para os temas a serem investigados, sejam eles exóticos ou ordinários, no campo das ciências sociais. O objetivo último de toda empreitada etnográfica é entender o que nos faz humanos, como Miller (2005, 2017) sublinha em outras de suas produções, e,

nesta última, não seria diferente. Com o estudo, o autor reitera o valor da teoria-método e reorganiza a hierarquia dos campos de conhecimento, elevando a antropologia e trazendo a filosofia, tida em muitas instâncias como a mais nobre das ciências, para perto da “irmã mais velha”, tida como mais sábia.

Com isso, a vida “suficientemente boa” deve ser sempre entendida à luz de um contexto particular. Eis a grande provocação da produção de Miller (2024) para os pesquisadores brasileiros que o leem: pensar como seria a vida “suficientemente boa” em um país de dimensões e problemas continentais, com urgências muito particulares. Inevitavelmente, o brasileiro que lê a obra é convidado a refletir sobre como a vida se apresenta em nosso contexto. A nós, pesquisadores da comunicação e das ciências sociais, nos resta ir a campo e descobrir os valores, as moralidades, as práticas sociais que fazem da vida *boa* o *suficiente*.

REFERÊNCIAS

Miller, Daniel. (1989). *Material culture and mass consumption*. Oxford: Basil Blackwell.

Miller, Daniel. (2005). Materiality: an introduction. In: Miller, Daniel. (ed.). *Materiality*. Durham: Duke University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctv11hpnrp>

Miller, Daniel. (2017). Anthropology is the discipline but the goal is ethnography. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 7/1. <https://doi.org/10.14318/hau7.1.006>

Miller, Daniel. (2024). *The good enough life*. London: UCL Press.

Alice Roberte de Oliveira é doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (2025). Foi pesquisadora visitante no Centro de Antropologia Digital da University College London, com apoio da CAPES (2023-2024). Mestre em Comunicação pela UnB (2019). Seus interesses de pesquisa incluem digitalização da vida urbana, cultura material do lar e etnografia multimodal. Publicou o artigo “Vida além do Plano”, na revista Antropolítica.

Fonte de financiamento: Doutorado-sanduíche com bolsa da CAPES (2023-2024).

Conflito de interesses: Sem conflito de interesses

Contribuição dos Autores: N/A

Aprovação do Comitê de Ética: N/A

Disponibilidade de Dados: N/A

Agradecimentos: Aos editores pela disponibilidade em avaliar este texto.

Editor Responsável: Rodrigo Toniol (UFRJ, Brasil).

Resenha recebida em 14/04/2026 | Aprovada em 11/05/2026